



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

MARIA VALDEREIS DOS SANTOS SILVA

**EXCLUSÃO ESCOLAR:
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

CAJAZEIRAS - PB

2009

MARIA VALDEREIS DOS SANTOS SILVA

**EXCLUSÃO ESCOLAR:
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2009



S586e Silva, Maria Valdereis dos Santos.
Exclusão escolar: algumas considerações / Maria Valdereis dos Santos Silva. - Cajazeiras, 2009. 45f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Exclusão escolar. 2. Fracasso escolar. 3. Repetência. 4. Reprovação. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 376

MARIA VALDEREIS DOS SANTOS SILVA

EXCLUSÃO ESCOLAR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

APROVADA EM 20 / 02 / 2009.

Maria Janete de Lima

Prof. Ms. Maria Janete de Lima
Orientadora

À Deus por ter guiado o meu caminho, dando-me força nas horas difíceis segurando na minha mão.

Aos meus pais: Antonio Vicente dos Santos e Maria Ivanete da Silva Santos. A minha vitória é mérito de vocês.

Ao meu cônjuge Francisco de Assis da Silva por caminhamos juntos, compartilhando momentos de alegria, tristeza, incertezas, mas, sempre unidos pelo laço de amor, carinho e amizade.

Aos meus Filhos: Sabrina Adrya e Israel Antonio, vocês são parte de mim; Representam o amor mais sublime e infinito que já senti.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Á Deus, onipotente em todos os momentos de nossas vidas. Pelo dom da vida, pelo amor incondicional a os seus filhos, por estar sempre presente em todos os momentos iluminando o meu caminho. Senhor eis o meu pastor, meu refugio e minha fortaleza.

Aos meus queridos pais: Antonio Vicente dos Santos e Maria Ivanete da Silva Santos pelo amor, carinho, incentivo, dedicação e cuidado com a minha trajetória acadêmica. Sou eternamente grata por tudo que me ensinastes.

Ao meu Cônjuge: Francisco de Assis da Silva pelo companheirismo, colaboração e compreensão. Por estar sempre presente me apoiando e compartilhando comigo os momentos desta jornada.

Aos meus filhos: Sabrina e Israel, razão da minha vida. Mesmo sendo criança souberam compreender as minhas ausências. Eu os amo muito.

As minhas irmãs e irmão, enfim á todos os meus familiares, sobrinhos e sobrinhas tios, tias, primas, primos cunhados, pelo o incentivo e colaboração. Obrigada por compartilhar comigo os momentos e situações difíceis nesta trajetória.

Em especial a minha orientadora, professora Maria Janete Lima por seus ensinamentos, pela paciência, dedicação e incentivo durante o percurso acadêmico.

"Na avaliação inclusiva, democrática e amorosa não há exclusão, mas sim diagnóstico e construção. Não há submissão, mas sim liberdade. Não há medo, mas sim espontaneidade e busca. Não há chegada definitiva, mas sim travessia permanente em busca do melhor sempre."

(Luckesi)

RESUMO

A exclusão escolar, registro de um atraso mínimo de dois anos em relação série/idade devido á reprovação, repetência constantes, é um dos problemas do quadro educacional do país que ainda afligem muitas unidades escolares. O fracasso escolar constitui-se de várias faces extremamente negativas, redundando em um atraso na progressão escolar, desestímulo desqualificação para o ingresso no mercado de trabalho, gera custos adicionais aos sistemas de ensino, aumenta a desigualdade social e conseqüentemente a marginalização. É um problema complexo que se relaciona com importantes fatores do processo de ensino e aprendizagem: a avaliação, reprovação, repetência, distorção série/idade e currículo; como também com questões política, econômica e social. Constituindo-se, portanto em uma questão de análise reflexiva, polêmica que apontam diferentes pontos de vista. Observando a exclusão escolar na escola em que trabalho, sentimos a necessidade de pesquisar sobre o assunto na perspectiva de entender as razões pelas quais os alunos desistem de estudar várias vezes e por fim abandonam de vez a escola, caracterizando-se num alto índice de desistência e repetência, esperamos através deste estudo poder de alguma forma contribuir para reverter tal situação. O presente trabalho foi desenvolvido no 5º ano do Ensino Fundamental na Escola Estadual Professora Josefa Justino Gomes – Serra Grande – Pb.

Palavras-chave: Causas. Exclusão escolar. Fracasso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPITULO I - Uma Retrospectiva Histórica e Política da Exclusão Escolar.....	11
1.1 Os Fatores da Exclusão Escolar.....	14
1.2 Práticas Pedagógicas e Formação Profissional.....	18
1.3 Exclusão Escolar: Uma Análise do Desinteresse dos Alunos.....	21
CAPITULO II - A Avaliação e a Exclusão Escolar.....	26
2.1 A Repetência Escolar.....	30
2.2 A Reprovação Escolar e a Exclusão.....	32
2.3 A Resistência á Aprovação.....	33
CAPITULO III - Análise de Dados.....	36
3.1 Estudo de Caso: A Exclusão escolar em Serra Grande.....	36
3.1.1 Quadro de Abandono Escolar da EEEFM Profª. Josefa J. Gomes.....	37
3.2 Caracterização da Escola.....	38
3.3 Análise de Questionários de alunos.....	38
3.4 Análise de Questionários de Diretores e Professores.....	40
3.5 Análise do Estágio.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS.....	45
ANEXOS.....	46

INTRODUÇÃO

A exclusão escolar é um tema muito complexo e requer uma análise conjuntural na qual sejam discutidas as várias opções que podem ser postas para amenizar os problemas que estão envolvidos na questão escolar. Esta análise deve ser feita por todas as esferas da sociedade já que, é de responsabilidade de toda a sociedade pela formação de um jovem enquanto pessoa cidadã e ativa no meio social.

Observaram-se durante o desenvolvimento da pesquisa que são muitos e de diversas origens os problemas relacionados à exclusão escolar que vão desde questões econômicas das famílias dos alunos até relacionamentos complicados entre os estudantes. A exclusão escolar atinge todas as regiões do Brasil sendo que, o Nordeste e o Norte se destacam como as áreas onde esse problema é mais agudo. No outro extremo estão às regiões Sul e Sudeste como as de menor exclusão entre os alunos.

Avaliar a exclusão nas escolas já foi tema de estudo de muitos pesquisadores que procuram apontar soluções satisfatórias na compreensão dos motivos que levam tantos alunos a abandonar os estudos ou repetir o ano letivo depois de uma reprovação. Os pesquisadores da região Sudeste geralmente se destacam nessa área de estudos; não se sabe concretamente se esse fato contribui para que os menores índices de evasão escolar encontrem-se exatamente nesse ponto do país.

Ao estudar-se a exclusão escolar deve-se considerar que embora ainda seja uma questão séria a ser discutida e avaliada dentro do meio social, a educação tem, no Brasil, dado avanços significativos nos últimos anos. As décadas de 80 e 90 já apresentaram avanços na educação melhorando uma situação que nas décadas anteriores (60 e 70) não era das mais favoráveis. Estas décadas apresentavam uma educação muito tradicional e que não tinha uma visão de inserir os alunos na realidade que os mesmos viviam e seus familiares.

Vale salientar que ainda são muitos os pontos a serem discutidos para avaliar as questões relacionadas à exclusão e repetência escolar. Nesse ponto, deve-se considerar a origem, a condição econômica, o lugar onde vivem e como se dá o relacionamento com os colegas. Esses pontos devem ser vistos para tentar entender o porquê de os alunos muitas vezes abandonaram os estudos em idade que os mesmos deveriam está estudando.

Neste momento foram consideradas algumas questões relacionadas à evasão escolar na escola que foi objeto de estudo nesta pesquisa. Ou seja, na E.E.E.F.M Professora Josefa Justino Gomes na cidade de Serra Grande-PB. Neste ponto são colocadas análises que venham a contribuir aumentando os pontos que já foram colocados durante a pesquisa e na redação do texto.

Fazendo uma análise da exclusão escolar na escola acima citada, podemos agrupar as principais causas da seguinte forma:

- Situação econômica da família, pois os responsáveis que preocupados em prover meios de sustento da família não se interessam pela educação dos filhos e, portanto, não os incentivam a estudar;
- Escola não atrativa, autoritária, professores despreparados, desmotivados, com baixa auto-estima e com problemas de relacionamento entre professor e alunos, distância da escola;
- Alunos desinteressados, com falta de perspectiva para o futuro, indisciplinados, com problemas de saúde e gravidez precoce;
- Problema social: o desemprego atinge principalmente os jovens e, a economia da cidade funciona em torno da prefeitura que não comporta o número de pessoas desejado, e tem-se em volta da agricultura e em função disto se deslocam para os grandes centros em busca de emprego e melhores condições de vida;
- Transporte escolar: o fato de o transporte escolar funcionar precariamente, ou seja, não atendendo com precisão a todas as localidades rurais, contribui à evasão escolar, principalmente no período noturno.

Esses são mais alguns pontos os quais, esperamos que venham a contribuir para que a questão da exclusão escolar na escola objeto de estudo desta pesquisa possa ser amenizado e procurem melhorias para que seja feito um trabalho eficiente na escola e que os alunos não abandonem a escola ou se agrave a repetência na cidade.

Neste trabalho temos como objetivo geral analisar os aspectos que contribuem para a exclusão escolar bem como os objetivos específicos na perspectiva de identificar na dinâmica escolar e nas políticas públicas em educação os fatores internos e externos á escola que contribuem para a exclusão escolar.

Esta pesquisa consiste numa análise, bem como numa aproximação com o fenômeno. Esta análise vem com a abordagem qualitativa que será desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio professora Josefa Justino Gomes, na cidade de Serra Grande-PB. O universo de pesquisa concentra-se nos alunos, contemplando os anos iniciais (1º á 5º) do fundamental, na perspectiva de compreender o porquê da exclusão escolar.

Para a realização deste trabalho serão utilizados vários instrumentos de coleta de dados: revistas, textos, jornais, questionário e consulta a internet, LDB 9394/96, PCNs bem como consultas em fontes secundárias.

De início faz-se necessário conhecermos a realidade da referida escola, para que assim possamos contribuir com sugestões que possam subtrair os mecanismos internos da exclusão escolar.

O CAPITULO I discorre sobre o referencial teórico apresentando uma retrospectiva histórica e política sobre os fatores da exclusão escolar, como também sobre as práticas pedagógicas e formação profissional, fazendo uma análise do desinteresse dos alunos.

O CAPITULO II descreve sobre a relação entre avaliação e a exclusão escolar, as modalidades de avaliação presentes na escola, a repetência escolar o processo de reprovação e a resistência á aprovação.

O CAPITULO III aborda a análise dos dados coletados através da aplicação de questionários para alunos, professores e diretores, estudo de caso e o quadro de abandono escolar apresentando os índices de abandono na escola em estudo e, por fim as considerações finais que relata a experiência do estágio.

CAPITULO I

UMA RETROSPECTIVA HISTÓRICA E POLÍTICA DA EXCLUSÃO ESCOLAR

A análise do papel da escola nos mecanismos da exclusão escolar implica isolar e evidentemente de maneira teórica e abstrata, os mecanismos e os fatores pelos quais a escola “acrescenta”, alia fatores de desigualdade de exclusão que ultrapassam a simples produção das desigualdades sociais. Tratam-se dos diversos “efeitos” escolares que remetem a própria ação da escola. Pode-se pensar que, se a soma desses “efeitos” não constitui nem a única nem a principal causa da desigualdade na exclusão, representa, entretanto o papel que não pode ser negligenciado.

Entre as conseqüências diretas da massificação escolar, é preciso considerar o conjunto dos mecanismos de diferenciação interna que estrutura o sistema. A oferta escolar não é homogênea e nem produz sempre o mesmo desempenho; não tem sempre a mesma eficácia.

O primeiro mecanismo de diferenciação é o desenvolvimento de percursos construídos muito mais de acordo com os critérios de desempenho que segundo escolhas de orientação verdadeira e com os “gostos” dos alunos. Observa-se que os alunos com dificuldades são orientados para percursos escolares mais ou menos desvalorizadas no interior de uma hierarquia extremamente rígida, que impede quase por completo o retorno para as carreiras honrosas ou prestigiadas.

Numa escola de massa cada vez mais complexa e cada vez menos legível, esse mecanismo de tratamento, e de aprofundamento das instâncias é reforçado por todos os processos implícitos que organizam o “mercado” escolar. As desigualdades formais, cujo jogo é explícito, somam-se os efeitos das decisões tomadas ao redor do jogo.

Pensam nas conseqüências das escolhas das escolas, que reforçam a concentração dos alunos menos favorecidos e com desempenho pior em certos estabelecimentos e, no interior destes, em certas turmas em razão das escolhas de línguas, por exemplo. Assim, a regra explícita é desviada em prol de mecanismos que reforçam as desigualdades sociais e escolares (BALLION, 1982, p. 04).

Neste contexto, os alunos mais favorecidos socialmente, que dispõem de maiores recursos para o sucesso, são também privilegiados por um conjunto de mecanismos sutis, próprio do fundamento da escola, que beneficia os mais favorecidos. Essas estratégias escolares aprofundam as desigualdades e acentuam a exclusão na média escolar em que mobilizam, junto aos pais, algo que não é só o capital cultural, este entendido como um conjunto de disposições e de capacidades, especialmente lingüísticas.

O quadro da educação brasileira (sobretudo a pública) está cada vez mais desanimador. As altas taxas de exclusão e repetência da escola demonstram que muitos alunos não conseguem aprender ou não conseguem permanecer na escola. Ribeiro (2006) concorda que a exclusão praticada na própria escola é um dos grandes males do sistema educacional brasileiro, ressaltando que o problema se agrava na medida em que tem como base um preconceito cultural.

A exclusão na escola está associada ao modelo de conhecimento e de cultura que adotamos é basicamente de classe média, branco, individualista e urbano, essas crianças pobres precisam assimilar códigos de linguagem, no comportamento, de higiene, conceitos e desafios muito diferentes dos enfrentados no seu dia-a-dia, e ao mesmo tempo sofrem uma discriminação socioeconômica e racial que ajuda a afastá-las e a escola não sabe lida com isso. Os professores estão refletindo sobre o quadro, mas o que percebe é um sentimento de perplexidade (RIBEIRO, 2006).

De acordo com Ribeiro, isso termina por expulsar as crianças das camadas populares, para as quais a escola é quase um país estrangeiro.

Nos últimos anos o Brasil deu um passo importante ao praticamente resolver a questão do acesso à escola: 90% dos jovens de 7 a 14 anos estão matriculados. Só que esses “miseráveis” 3% que estão longe de livros e cadernos correspondem a 1,5 milhão de pessoas (logicamente das camadas mais pobres). “Conseguimos instituir a escola democrata popular, mas mantivemos o modelo dos anos 1960, que não garante a qualidade, pois é pensado para a elite”, afirma Maria do Pilar Lacerda, secretária municipal de educação de Belo Horizonte e presidente dos dirigentes municipais de educação (UNDIME, 2006).

De acordo com a revista Nova Escola do ano de 2006, de cada 100 alunos que entram na primeira série só 47 conclui a 8ª série na idade certa, 14 terminam o ensino médio sem

repeti ou evadir e apenas 11 conseguem ingressar no ensino superior. Na mais recente avaliação nacional, o Prova Brasil, os estudantes de 4ª série obtiveram em Matemática e Língua Portuguesa notas que deveriam ser comuns a 1ª, e os da 8ª mal conseguem alcançar os conteúdos previstos para a 4ª. Este baixo nível de aprendizagem constata um ensino inadequado e uma necessidade de mudança políticas e educacionais que possibilitem melhorias no ensino/aprendizagem.

Pesquisa nacional conduzida pelo Instituto Paulo Montenegro revela que 74% dos brasileiros são analfabetos funcionais, ou seja, não conseguem ler uma reportagem, na verdade não compreendem nada mais complexo que um bilhete. É espantador, mas é verdade. De cada quatro pessoas, só uma é capaz de entender o que está escrito em qualquer texto minimamente complexo. O mesmo ocorre com habilidades matemáticas, como as quatro operações. Até a algumas décadas atrás esses dados tinham relativamente pouca relevância. Hoje com a globalização econômica, não dá mais para viver sem dominar essas competências básicas. Estudos comprovam que a riqueza de uma nação depende de sua produtividade e, portanto, da capacitação de sua mão de obra. Do ponto de vista social, a educação também é a única saída para reduzir a desigualdade.

Dos alunos da 4ª série, 61% não conseguem identificar as principais idéias de um texto simples, e 55% não dominam as quatro operações. E 60% dos alunos da 8ª série não sabem interpretar um texto dissertativo, e nem sabem porcentagem. (Revista Nova Escola, ano 2006, p.41).

A exclusão está dentro de um contexto não se trata de fato isolado, os mesmos excluídos da escola, geralmente são excluídos de habitação, de alimentação, de saúde e da sociedade de uma forma em geral; Fazendo uma relação entre exclusão e renda familiar, vemos que família que recebe até um salário mínimo tem grau de escolaridade de dois a três anos em média; as famílias que recebem dois salários mínimos têm média de cinco anos. Isso demonstra que existe uma relação direta entre renda familiar e a escolaridade das crianças. À medida que aumenta a concentração de renda, menor é o grau de escolaridade da massa. É nas escolas dos bairros periféricos com menor renda que percebemos o maior índice de fracasso escolar.

“O Brasil precisa investir mais recursos nas escolas e professores; cada aluno de ensino básico de renda pública custa ao governo cerca de 12% da renda per capita nacional. Nos Estados Unidos esses valores saltam para 25%, mais que o dobro, os dados se refletem na realidade que todos conhecemos; salários baixos para os professores, falta de material didático e infra-estrutura precária nas escolas. Para mudar essa situação é preciso um aumento substancial de recursos. Hoje, cerca de 4,5% do produto interno bruto (PIB) vai para a educação, mas o ideal seria pelo menos 6%, diz Mozart Neves Ramos, presidente do Conselho Regional de Educação (CONCED, 2006)”.

Diante de um problema complexo e com variáveis tão múltiplas como a exclusão escolar, é difícil falar numa solução definitiva, mas sempre é possível identificar caminhos, basta que as pessoas deixem de trabalhar individualmente e procurem se inserir num contexto socializador e cooperativo em torno de um objetivo comum, tendo como instrumento essencial à igualdade social e a democratização do ensino neste trabalho.

1.1 Os Fatores da Exclusão Escolar

São tantos os fatores que podem ser apontados como responsáveis pelo fracasso escolar, mais explicitamente a exclusão no Brasil, que é muito complexo analisar detalhadamente cada um deles. No entanto, busca-se estabelecer alguns pontos e opiniões de especialistas que mostram os processos envolvidos na exclusão escolar e de maneira que não se torne exaustivo e enfadonho.

A afetividade vem como um primeiro ponto a ser considerado quando se quer compreender o processo de aprendizagem. No dizer de Martinelli (2001), situações como o abandono, a separação dos pais, a perda de um dos progenitores, entre outros, são condições que interferem no processo de aprendizagem. (p. 99). Com base neste ponto de vista da autora, nota-se o quanto o aspecto afetivo favorável na relação das pessoas (alunos x alunos; alunos x pais), pode ser um aliado contra o processo de exclusão escolar.

Outra questão colocada para explicar o fracasso escolar verificado atualmente é quanto a insucessos que já foram vivenciados por parte dos alunos que acabaram abandonando sua escolarização por este ou aquele motivo.

Sobre esse ponto, é necessário enfatizar que os insucessos não se referem a notas baixas, pois esse aspecto é muito relativo para ser tomado como ponto que explica esses

insucessos dos alunos (nota não avalia o verdadeiro conhecimento dos alunos). O que se propõe são as relações dentro do ambiente escolar assim como também, as relações que ligam a escola com a sociedade fora dela.

Outra questão a esse respeito é quanto ao processo adaptativo para que possamos entender a assimilação de conteúdos no que se refere ao ponto de vista afetivo que no dizer de Sisto, Boruchovitch e Fini (apud Martineli 2001 p.101), está á acomodação que, por sua vez, também pode ser traduzida por um interesse, mas, relativo aos aspectos novos do objeto a serem conhecidos.

Os fatores que explicam a exclusão escolar, além dos já citados, vão desde questões relacionadas à convivência familiar até a relação que é estabelecida dentro do próprio ambiente escolar. Isso mostra que o estudo das diferenças individuais dá um novo impulso aos estudos sobre inteligência e a aspectos da afetividade humana.

A personalidade, segundo alguns especialistas, afeta no desempenho escolar assim como também os níveis de operatoriedade e ansiedade na tentativa de traçar perfis de alunos com dificuldades de aprendizagem. Esses são fatores que, em parte, podem explicar a exclusão escolar.

Um outro fator que ainda pode ser citado diz respeito à questão econômica que de uma forma ou outra acaba influenciando na desistência de alguns alunos que se sentem excluídos. Alguns estudiosos notam que de certa forma as camadas sociais mais elevadas possuem certo grau de dominância dentro do contexto escolar que é estabelecido em nossa sociedade.

Um documento apresentado no Texas, Estados unidos, no ano de 1980, procurou citar alguns pontos e problemas que afetam a aprendizagem, principalmente de crianças. E dentro desse documento foram apresentados vários pontos que foram aqui acima citados como elementos que de certa forma acabam colaborando para o processo de aprendizagem ou fracasso dos alunos, principalmente os relacionados ao cotidiano dos discentes e sua relação com parentes e demais colegas do ambiente em que eles estudam.

Ainda no que se refere à aprendizagem, problemas típicos como falhas na escola, desorientação e deficiências em leitura e linguagem, podem ser apontados. De certa forma

essas deficiências acabam afetando as demais disciplinas (componentes) escolares e contribui para que os alunos percam o interesse de aprender e acabam abandonando a sala de aula e o seu processo educativo.

Não se pode negar também que professores incapacitados podem interferir no aprendizado dos alunos e vão assim contribuindo para a desistência de alguns estudantes. É necessário que os professores possuam boa qualificação e domínio naquilo que vão ensinar, pois, trata-se de um processo muito complexo.

O ambiente escolar é outro fator que causa desistência ou desestímulo no alunado, caso não seja adequado para inferir na assimilação de conteúdos que fazem parte do dia-a-dia dos discentes. Esses podem se sentir como se estivessem em outro mundo e assim, não conseguem aprender o que lhes é ensinado.

Para Sisto e Boruchovitch (2001), embora as dificuldades de aprendizagem possam ocorrer concomitantemente às deficiências de ordem sensorial, atraso mental, bem como fatores de ordem extrínseca, como condições ambientais desfavoráveis ou instrução ineficiente ou inadequada, não se tem considerado que a dificuldade de aprendizagem e exclusão escolar seja o resultado dessas condições.

Pelas palavras dos autores, pode-se observar que se trata de um processo que deve ser analisado como um conjunto de todos esses elementos e não vê-los isoladamente, para tentar explicar o fracasso escolar ou a repetência.

Existem muitos estudos que procuram mostrar as várias capacidades também de ordem cognitiva. Esses estudos são feitos através de atividades de escrita, leitura e soletração e medidas de QI, bem como uma variedade de características afetivas ou de personalidade como temperamento, adaptabilidade, motivação, expectativas, estilos de aprendizagem, curiosidade etc. Como se pode ver, são muitos os elementos que influenciam no processo educacional. Algumas pesquisas indicam que estudantes que recebem atendimento parcial mostram maior ansiedade; e essa ansiedade é manifestada mais frequentemente em situações de medo e alta sensibilidade.

Voltando aos aspectos afetivos ainda consideramos o seu papel fundamental no desenvolvimento do indivíduo como um todo. No entanto, não se sabe exatamente como todos esses elementos se relacionam, sabe-se da importância de cada um deles no desenvolvimento individual. (Sisto, Borochuvitch p.115). Esses autores ainda acrescentam que a própria situação vivenciada em nossas escolas, onde é cada vez mais freqüente encontrarmos alunos que em alguns momentos do seu processo de escolarização apresentam dificuldades. Essas dificuldades podem ter diversas origens.

Já autores como Rossini e Santos (2001p.214) observam que o que se verifica na maioria dos trabalhos sobre fracasso escolar direciona para um ou outro aspecto, segundo o momento histórico ou o contexto em que o mesmo é analisado. Essas autoras reforçam essa tese citando como exemplo o ensino nas décadas de 60 e 80 em que, na literatura predominou trabalhos que analisam o tema baseando-se fundamentalmente na teoria do déficit e da diferença cultural.

É necessário enfatizar que houve contestações de valores pelos jovens na tentativa de isentar o sistema sociopolítico de possíveis fracassos dentro do sistema educacional em que está vigente.

Hoje, sabe-se que esse sistema tem importância no meio educacional, bem como outros setores da sociedade. Ainda há autores que falam das camadas sociais como um item relacionado ao fracasso escolar como, por exemplo, Ciasca que detectou em 1994 que 40% das crianças atendidas no Laboratório de Distúrbios da Aprendizagem não possuíam qualquer problema de ordem orgânica.

Esse estudo foi realizado no Hospital das Clínicas da Unicamp e, detectou que essas crianças eram vindas das camadas mais pobres da população que, por fatores diversos, apresentavam dificuldade escolar. Sobre esse aspecto, pode-se observar o quanto à origem dos alunos pode e influencia na processo de aprendizagem e conseqüentemente tem reflexos no fracasso escolar como um todo.

1.2 Práticas Pedagógicas e Formação Profissional

No que se referem às práticas pedagógicas, elas podem influenciar no processo de aprendizagem quando são consideradas ultrapassadas e assim, são vistas como responsáveis pela desistência de parte do alunado. Nesse aspecto, Rossini e Santos citando Patto (2001 p.216), coloca que as causas do fracasso escolar estariam em instâncias diversas do processo educativo, envolvendo desde aspectos políticos e a legislação educacional até a formação e condições de trabalho do professor.

Vale salientar que a abordagem centrada na criança cedeu lugar a causas intra-escolares, como mostram os autores anteriormente, acima citados sobre esse aspecto quando discorrem que é fundamentalmente no processo de produção do fracasso escolar dentro da instituição.

No que diz respeito às condições de trabalho dos professores, principalmente nas escolas públicas, a precariedade na infra-estrutura é muito grande. Como exemplo, podemos citar professores que trabalham embaixo de árvores no estado do Maranhão. E quanto a São Paulo, o estado mais rico do país, onde apenas 15% das escolas estaduais possuem biblioteca. Isso para ficar apenas em dois exemplos e mostrar que as más condições de trabalho do professor não atingem apenas a região Nordeste.

Quanto à formação dos professores, cabe salientar que esse é outro aspecto a ser abordado, já que muitos educadores trabalham em áreas diferentes da sua área de formação. Na região Nordeste, por exemplo, de cada dez (10) professores de Física, apenas um (01) possui formação nessa disciplina. E são muitos outros profissionais no sistema educacional que nem se quer possuem formação na área de licenciatura.

Patto (apud Rossini e Santos, 1993) constatou em uma escola da rede municipal de ensino da cidade de São Paulo, a necessidade de se revisar as explicações do fracasso escolar baseado nas teorias do déficit e da diferença cultural, pois, segundo essa autora, o fracasso escolar seria resultado de um sistema educacional gerador de obstáculos à realização de seus objetivos.

Nessa pesquisa foram vistas opiniões de diretores, professores, orientadores pedagógicos, supervisores pedagógicos, alunos e familiares de alunos; para que todos dessem sua posição a respeito de como se dá o processo de ensino dentro daquela escola.

Alguns fatores para dar mais suporte a essa questão da exclusão nas escolas diz respeito ao cotidiano dos pais de alunos, em muitos casos, só conhecem as capacidades dos filhos em situações não escolares. Daí, não conhecerem totalmente as potencialidades das escolas e suas respectivas funções.

É comum no sistema educacional brasileiro a falta de interesse de muitos pais em saber como está a situação/desempenho do seu filho na escola, bem como também não sabem a relação que se estabelece entre alunos x alunos e alunos x professor. A relação existente com os demais funcionários das escolas também não desperta nenhum interesse para esses pais.

Existe um desinteresse até mesmo por parte dos responsáveis por alunos das séries iniciais do ensino fundamental. Nesse aspecto, as crianças podem se sentir dependentes do educador e dos orientadores educacionais.

Outros questionamentos que podem ser feitos quanto ao fracasso escolar, mais um deles é o fato de pais de alunos possuírem um conhecimento incompleto das deficiências das escolas. Por isso, alguns pais acabam atribuindo o fracasso dos filhos no desempenho escolar, exclusivamente, a instituição de ensino.

Cabe ressaltar que não só as instituições de ensino são responsáveis pela educação de um cidadão, mas sim, todo o conjunto da sociedade como a família, a escola, os órgãos públicos e outros. Ou seja, trata-se de uma questão mais complexa do que muitas pessoas pensam, pois, é toda uma esfera social que deve ser envolvida no processo educacional.

Muitos trabalhos têm sido feitos para mostrar como os educadores vêm buscando soluções que buscam superar os efeitos de práticas pedagógicas que fracassam. Sobre essa questão, cabe reaver onde estão as deficiências da prática pedagógica e procurem as possíveis soluções para superar esse tipo de prática que é considerada “ultrapassada”.

Com referência a esse ponto Gomes (2004 p.09) cita que alguns especialistas buscam na Psicologia, na Sociologia e na Medicina, justificativas científicas tanto para o fracasso quanto para o sucesso escolar de crianças de camadas populares.

Ainda nesse aspecto, alguns educadores acabam usando uma série de mecanismos para rotular os alunos como “bons” ou “maus”. Esse mecanismo, apesar de não condizer com a formação educacional, tem sido usado e há quem se apói nele para colocar a culpa nos alunos pela não aprendizagem.

Nessa perspectiva, Gomes (2004 p.10) diz que tais educadores colocam a culpa da deficiência de aprendizagem de alunos na leitura e na escrita sem que o processo escolar e social em que esses alunos estão, seja levado em conta pelos educadores, sobretudo das escolas públicas.

Para reforçar essa tese, busca-se na tentativa de explicar o fracasso escolar devem ser analisados também os aspectos sociais, escolares e psicolinguísticos. Como foi citado anteriormente em um estudo em uma escola de São Paulo verificou-se que a questão da origem social é fator considerável no processo ensino/aprendizagem.

Ainda torna-se relevante avaliar como são ministradas as aulas, isto é, se os alunos são sujeitos ativos durante o horário escolar: se participam, se questionam, se perguntam ou respondem etc., pois esses fatos podem explicar a situação de aprendizagem que faz parte deles.

Sem dúvida quanto a essa questão, a escrita e a leitura podem ser considerados como os grandes responsáveis para avaliar o desempenho dos alunos. Sabe-se também que não se deve usar esse critério para classificar este ou aquele aluno como “bom” ou “mau”.

Esse posicionamento se faz necessário pelo fato de que não só alunos das séries iniciais bem como muitos alunos da segunda fase do ensino fundamental também apresentam deficiências na leitura e na escrita.

Talvez alguns culpem as séries iniciais pelo fato de que todos os alunos da segunda fase que não sabem ler e escrever bem como por essa deficiência, mas, não se pode negar

também como o atual sistema educacional brasileiro dar mais suporte aos discentes do que aos docentes, no sentido de fazer os educadores muitas vezes terem que aprovar para a série seguinte alguns alunos não capacitados para acompanhar a fase subsequente.

É comum que esse fato da “não reprovação” acabe influenciando alguns alunos que acreditam no fato de não poderem ser reprovados para demonstrar certo desinteresse em desenvolver atividades que são fundamentais para a sua aprendizagem.

A educação no Brasil tem dado avanços significativos nas últimas décadas, mas, ainda há muito a ser feito para que tenhamos uma educação de qualidade, principalmente nas escolas públicas.

Vale ainda salientar que as várias teorias desenvolvidas para tentar explicar o fracasso escolar sofreram críticas que, no dizer de Clenice Griffo (2004) apresentam defasagem pela inconsistência de seus fundamentos.

Neste ponto de vista da autora, percebe-se que, dentre as teorias, houve uma tentativa de superação de uma por outra. Cabe observar quais os pontos que podem ser aproveitados e colocados dentro de cada realidade para melhor desempenho no processo ensino aprendizagem.

1.3 Exclusão Escolar: Uma Análise do Desinteresse dos Alunos

Analisar o desinteresse de alguns alunos requer um estudo minucioso de alguns exemplos envolvendo experiências de discentes que tenha vivenciado essa questão em sua vida.

Tiago Felipe Souza Rosa morador de Jacarepaguá, oeste do Rio de Janeiro serviu de exemplo em estudo feito sobre exclusão escolar. Esse garoto que na época da pesquisa contava com uma idade de 14 anos e, como qualquer outro menino nessa idade deveria estar na sala de aula. O que foi alegado pelo garoto para não está estudando foi o desinteresse em aprender e principalmente porque ele faltava as aulas simplesmente para jogar bola. Em consequência disso, o excesso de falta levou-o a ser reprovado. A partir desse fato, Tiago

optou por parar de estudar definitivamente e atualmente passa todos os dias apenas jogando bola em campinho perto de sua casa. (Revista Pátio, 2006 p.).

Como consequência dessa atitude o garoto no ano seguinte nem se quer conseguiu matrícula em qualquer que fosse a escola. Devemos ter em mente que esse não se trata de um caso isolado, pois como ele existe muitos espalhados por esse país. Vale, portanto, salientar que assim como Tiago, existem muitos outros meninos e meninas na mesma idade que ele e também não estão freqüentando a sala de aula por motivos diversos. Ressalte-se ainda que esses jovens não estudam e não trabalham.

De acordo com um estudo realizado e intitulado Juventude Brasileira e Democracia com participação nas esferas de políticas públicas, realizado pelo Instituto Brasileiro de análises Sociais e Econômicas (Ibase), 27% dos jovens brasileiros de 15 a 24 anos nas regiões metropolitanas do Brasil, não estudam e nem trabalham. Esse estudo foi publicado na mesma edição da revista acima citada.

Esse estudo realizou-se entre os anos de 2004 e 2005 e seu objetivo era também ver a participação política dos jovens na sociedade. Porém, quando o recorte é abrangendo educação, trabalho, cultura e lazer, esse dado se destaca.

Muitos jovens usam vários critérios para justificar a ausência na escola e por não estarem trabalhando. O que se destaca na opinião desses jovens é o fato da condição socioeconômica.

Há outros estudos que mostram a existência de grupos formados por jovens das classes mais baixas (D e E) que terminaram o ensino médio, mas que não pensam em cursar uma faculdade. Os mesmos dizem que estão tentando ingressar no mercado de trabalho, mas ainda não haviam conseguido emprego.

Já em outros estudos foram analisados jovens entre 15 e 19 anos e, em alguns deles notou-se que esses jovens não concluíram o ensino básico e também não conseguem ingressar no mercado profissional.

Alguns especialistas como o sociólogo Clemente Ganz Lúcio, diretor técnico do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese,2005), o desemprego não deveria ser motivo de preocupação já que, na opinião dele, os jovens não deveriam trabalhar antes dos 19 e 20 anos de idade. “Os pais desses jovens é que deveriam trabalhar (caso houvesse emprego para todos) para garantir o sustento da família e a formação educacional e profissional de seus filhos, até a faculdade, se for o caso”.

Nesse aspecto, nota-se que existe uma barreira para os jovens, pois, não há emprego para seus pais e, assim, não tem como eles darem o sustento da família e a formação educacional e profissional dos seus filhos que seria o mais coerente.

Há alunos que costumam se “destacar” na turma, mas, antes de concluírem os estudos acabam evadindo da escola. Isso aconteceu com um jovem de 18 anos de Porto Alegre, Andrei B. Marcowich, que parou os estudos no último ano do ensino médio. Esse jovem porto-alegrense atribui o seu desinteresse ao fato de que a escola “não desperta o interesse do estudante”. Segundo o próprio Andrei, as aulas deveriam ser menos teóricas e mais práticas principalmente no ensino médio.(Revista Pátio 2006, p25

De acordo com a pesquisadora Eliane Ribeiro, do Ibase (2005) são várias as razões que fazem com que meninos e meninas abandonem as escolas. Para ela, no caso dos meninos pobres, há uma pressão muito grande para que comecem a trabalhar, para que se afirmem como homens e para que contribuam na manutenção.

Constatou-se ainda no estudo de Eliane, que os pais de jovens pobres têm uma preocupação muito grande com o estudo dos filhos, mas só até eles completarem 15 anos de idade. Depois dessa idade, estar só na escola parece pouco. Já no que se refere às classes média e alta observa-se o contrário, pois, o estudo é valorizado até os jovens terminarem um curso universitário.

Deve-se notar que a escola tem recebido uma “falência” do conceito de que o estudo colabora para a ascensão social. Na opinião de Irene Rizzini, da PUC-RJ,(2006) “a escola não é mais vista como um caminho para melhorar de vida”. Isso no que se refere à escola pública, principalmente.

A partir da colocação de Irene, pode-se observar que pode haver vergonha por parte de alguns alunos que dizem que o uniforme escolar da rede municipal de ensino parece com o uniforme de gari. A partir das observações da autora que foram colocadas acima podemos verificar, nos gráficos abaixo as taxas de evasão escolar no ensino fundamental por série entre os anos de 1981 e 1995, assim como também as taxas nesse mesmo nível de ensino entre as regiões brasileiras. A média de exclusão escolar na região Nordeste está acima da média nacional chegando a 75% e 80% na 5ª e 8ª séries do fundamental respectivamente. No tocante a 5ª série, Isso é reflexo das dificuldades de integração dos alunos a novas exigências da série como por exemplo: ter vários professores, estudar uma língua estrangeira. Já na 8ª série, ultimo ano do fundamental os alunos ficam retidos por não estarem preparados para ingressar no ensino médio.

Gráfico 10
TAXAS DE EVASÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL, POR SÉRIE (%)

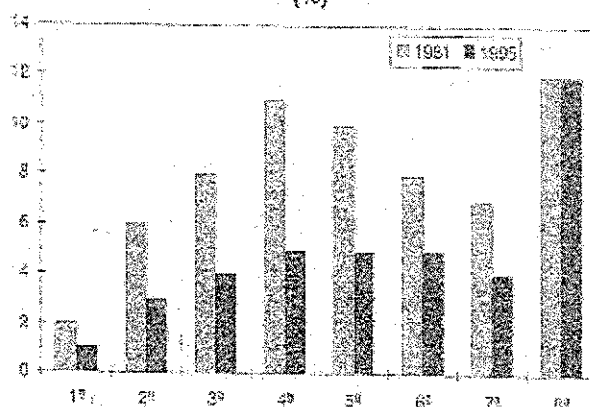
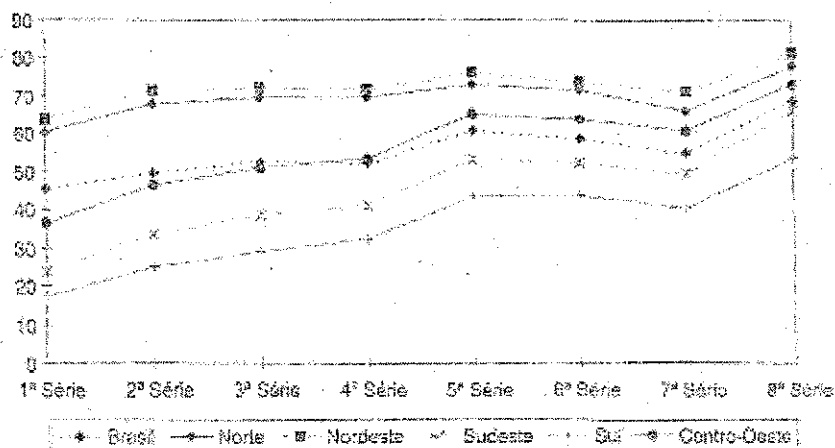


Gráfico 11
TAXAS DE EVASÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL, POR SÉRIE (%)



Não se torna conveniente negar que muitas escolas de hoje que apresentam exclusão escolar, não se adaptam a realidade do mundo atual. Para Irene Ribeiro, “a escola não está preparada para a juventude, pois o acesso foi ampliado e diversificado”. Os “jovens atuais têm mais noções dos seus direitos e não vêem mais o professor como autoridade máxima do saber”.

CAPÍTULO II

A AVALIAÇÃO E A EXCLUSÃO ESCOLAR

Ao analisarmos o processo de exclusão escolar não se deve isolá-lo da avaliação que o sistema educacional em nosso país faz tanta questão que tenha. Avaliar, no entanto, talvez seja a etapa mais complexa dentro da educação, pois, requer inovação, percepção, criatividade e por que não, paciência.

Existem as avaliações que são feitas com os alunos no decorrer do ano para atribuir-lhes uma nota referente a determinado assunto que foi dado pelo professor, mas, a avaliação que é considerada a mais extensa e difícil é a do final de cada ano letivo.

Essa avaliação final tem por objetivo não só ver o aluno no momento final do ano, mas também, observar como foi o seu desempenho durante todo o ano, além de ter o cuidado de verificar solidamente se o aluno tem capacidade de acompanhar a série seguinte.

Nos processos de avaliação, a exclusão escolar se dar pelo que o professor sentencia ao aluno no final do ano. Nessa perspectiva, alguns garantem êxito enquanto que para outros fica o fracasso. Esse fracasso muitas vezes é atribuído ao aluno devido a alguns fatores como o convívio escolar, inaptidão, desinteresse pelos conteúdos e até mesmo a chamada deficiência de aprendizagem.

Como reflexo do processo de avaliação colocado nas escolas de todo o país, está o abandono precoce da escola que reafirma a descrença dos alunos e da família, em acreditar que a educação os conduza a um patamar socioeconômico e, conseqüentemente, a um status social elevado.

A partir do exposto conclui-se que a educação não consegue alavancar os alunos das classes sociais mais baixas na perspectiva de um futuro melhor, bem como na formação de cidadãos com voz ativa e consciente para buscar seus direitos.

Retomando a discussão a respeito da avaliação vale ressaltar que ela vem sendo discutida e reformulada no sentido de que a educação recupere seu caráter ético e compacto com a formação de pessoas críticas e uma sociedade muito mais justa e igualitária.

As modalidades de avaliação presentes nas escolas são de ordem classificatória e certificativa que somente perdem força quando as práticas pedagógicas se transformam para encaminhar o aluno às novas competências exigidas pela complexidade da sociedade contemporânea.

Nesse caso, observa-se que as práticas de ensino bem como as de avaliação não podem ser separadas, mas sim, formam uma unidade que vem a formar os alunos enquanto pessoas humanas.

Como as práticas e a avaliação caminham juntas, a reprovação e a exclusão também estão juntas no mesmo contexto educacional. Daí nota-se que a exclusão como mencionado anteriormente, reflete mais nas camadas baixas da população.

A exclusão escolar já foi associada, no passado, a população que aparecia sob maneira direta de não ter possibilidade de acesso aos setores mais decisivos do ensino. Sendo assim a educação brasileira, na sua caminhada, vem deixando um legado negativo representado pelo enorme contingente de alunos excluídos, distribuídos pelo território nacional. Pois a gênese do processo de ensino no Brasil, a camada menos favorecida da população é a mais afetada.

A exclusão escolar também é reflexo da avaliação quando analisa-se esta no sentido de que ela surgiu para separar os alunos por níveis intelectuais e, nesse sentido, é ela quem vai dizer quem está apto ou não para seguir à série seguinte.

Nesta reflexão pode-se observar que a avaliação pode ser vista como um processo que privilegia os alunos que se enquadram no conjunto dos que são considerados “cultos” da sociedade. Trata-se de uma questão muito complexa, pois, deve-se levar em conta o tipo de avaliação, o professor que vai avaliar, as condições econômico-social do aluno e seu estágio emocional. Portanto, são muitas as questões envolvidas no processo de avaliação.

Deve-se ter muito cuidado com o fator da avaliação. Muitos especialistas no assunto afirmam que é um processo muito complexo e requer um planejamento antecipado para que se saiba qual tipo usar, com qual série usar e o nível de conhecimento dos alunos que vão passar por esse processo avaliativo.

Já se sabe que a exclusão social de certa maneira é transmitida como sinônimo que recai com peso para influenciar na exclusão escolar. Nesse aspecto o papel da escola passa a ser, também, o de combater essa realidade. E para que a escola possa enfrentar o problema da exclusão, juntamente com outras esferas sociais, torna-se imprescindível romper com paradigmas conservadores presentes na educação e avançar no processo de formação de professores.

Nesse sentido a questão da exclusão escolar é um processo histórico que perdura até nossos dias, mas, para combater esse processo são necessárias ações em conjunto de todas as esferas sociais.

A partir desses pontos sobre avaliação e exclusão escolar, é necessário pensar sobre o sistema educacional, como se dá o ensino em nossa realidade local e profissional, para chegarmos as possíveis soluções. Portanto, avaliar é uma questão muito intensa e difícil para qualquer profissional, mas deve-se buscar a melhor forma de não prejudicar quem está sendo avaliado.

Partindo da premissa de ao estudar a exclusão escolar faz-se necessário uma abordagem acerca da inclusão, colocamos alguns pontos aqui a respeito desta. Nos últimos anos um dos grandes desafios da educação tem se constituído na garantia de escolas de boa qualidade para grande parte do alunado em nosso país.

Para tanto se faz necessário mobilizar de forma sistemática e continua, todos os envolvidos nas metas de inclusão - os professores, famílias, funcionários das escolas, os conselhos de educação, as comunidades, as ações complementares das ONGS, o poder público entre outros para buscar alternativas de combate á exclusão escolar bem como as causas contraproducentes á aprendizagem escolar.

A escola não detém o monopólio do saber, e não terá condições de solucionar de forma isolada um problema tão complexo de natureza coletiva, comum á todos os membros da sociedade; diante desta situação a sua função social é colocada em xeque, especialmente quando se espera que promova a inclusão dos que historicamente são excluídos de um padrão de vida disseminado pelas ideologias do contexto no qual está inserido.

O abandono precoce da escola só vem a reafirmar a descrença dos alunos e da família, em acreditar que a educação os conduza a um padrão socioeconômico e, como consequência a um status social elevado. Pode se dizer que a educação atualmente, , convive com duas realidades opostas: o rápido desenvolvimento tecnológico e a crescente exclusão econômica e digital. A partir do exposto conclui-se que lidar com essas situações tão extremas é um novo desafio que a escola precisa assumir. Ou seja, formar um aluno capaz de se apropriar do conhecimento científico e tecnológico e assim, enfrentar desafios que fazem parte da convivência social como a fome, por exemplo.

Ainda no tocante ao processo de inclusão social, considera-se que a inclusão do aluno só pode ser trilhada se o corpo docente for competente para desenvolver situações fecundas de aprendizagem, atitudes de respeito e favorecer a convivência mútua de todos os alunos da sala de aula e somada a isto os sistemas de ensino inclusive a escola passar por uma transformação afim de atender as novas exigências da demanda.

No relatório *Juventude Brasileira e Democracia: Participação, Esferas e Políticas Públicas* realizado pelo Ibase nos anos de 2004 e 2005, como citado em outro momento, aponta à questão dos jovens nas regiões metropolitanas brasileiras. Os resultados e reflexões contidas neste relatório parecem apontar novos elementos e significados para a discussão sobre a juventude brasileira, ampliar conhecimentos sobre ela e sinalizar novas estratégias e ações que favoreçam um mundo melhor para os jovens brasileiros.

Em uma pesquisa sobre educação com esses jovens de 15 a 24 anos, observou-se o seguinte: 47% estudavam; 53% não estudavam; 24,3% não possuíam o ensino fundamental completo, 33,2% concluíram o ensino médio; 86,2% estavam estudando ou haviam estudado em escolas públicas; 27% não estudavam e nem trabalhavam e 66,5% deles afirmaram ter participado de algum curso extra-escolar.

Esses itens só reafirmam a real situação da escola no Brasil. Prover uma escolarização de qualidade para todos que estão na idade de estudar é um dever de todos que fazem parte das instâncias da sociedade em todos os seus níveis juntamente com um sistema educacional que dê esse suporte.

2.1 A Repetência Escolar

Não se deve esquecer de um aspecto muito importante que contribui para o fracasso escolar que é a repetência que acaba sendo motivo até mesmo de piada por colegas de sala; e, como consequência da repetência tem-se um atraso na “relação” idade do aluno versus série que está matriculado.

Quanto à análise do fracasso escolar por regiões brasileiras, observa-se que a região Nordeste apresenta os maiores índices de evasão escolar seguida do Norte do país. No outro extremo encontram-se o Sudeste e o Sul. Este com os menores índices de evasão. Como já foi mencionado anteriormente, no quesito evasão por série a 5ª e a 8ª séries se sobressaem como as de maior evasão. Os alunos que concluem a 4ª série apresentam certa dificuldade na série seguinte, pela questão da integração até mesmo com o corpo docente já que, geralmente, eles estudam as séries iniciais com um único educador fato que muda a partir da 5ª série.

A reprovação escolar não pode ser separada da capacidade geral de aprender que a criança demonstra no período de aulas. Neste aspecto, a reprovação não pode ser vista como um fator isolado. Alguns alunos se forem reprovados no quarto ano (antiga terceira série), e se o professor verificar o histórico dessa criança certamente o professor vai perceber que essa criança teve dificuldades na alfabetização.

Deve-se ter o cuidado para que as exigências com as crianças não sejam exageradas a ponto de esses alunos chegarem a um ponto em que continuar estudando torna-se cada vez mais penoso.

Outra questão diz respeito à reprovação no 6º ano, pois nesta fase os alunos estão em uma época de transição de idades. Trata-se da fase em que os discentes estão começando a namorar, praticar esportes, sair. Ou seja, isso pode desorganizar a cabeça da criança e assim contribuir para que ela vá mal na escola.

Devemos ter em mente que a repetência, em muitos casos, parece que é mais séria entre os pais do que entre as próprias crianças. A primeira reação dos pais é tirar esses alunos da escola. No entanto, se for bem conduzida essa criança pode aceitar a repetência com mais naturalidade.

É necessário que tenhamos em mente que algumas crianças depois da reprovação e conseqüente repetência, ela precisa de um acompanhamento psicopedagógico e, mesmo assim, pode ainda chegar até o final do ano sem, no entanto, ter bastante maturidade em relação às outras.

Sabe-se que existem crianças que apresentam um ritmo mais lento de aprendizado. Daí, elas precisam de escolas especiais e, para isso, é necessário que essas escolas possuam estruturas que relevam esse ritmo mais lento de aprendizagem. Porém, são muito poucas as escolas que apresentam essas estruturas e é fundamental para qualquer educador não confundir capacidade lenta de aprendizagem com deficiência mental. Trata-se de dois casos e dois processos totalmente diferentes.

A educação é uma área decisiva no desenvolvimento dos filhos, mas, raramente os pais têm consciência disso. Esse fato é mais relevante quando se trata de alunos da pré-escola e do ensino fundamental, a educação fica restrita basicamente sob responsabilidade da mãe do aluno. Se surge um problema é para a mãe que a escola telefona. Um fato que reforça essa tese é quanto à reunião de pais, pois a proporção de mães presentes é muito maior do que o número de pais.

Quanto à repetência por classes sociais, mais uma vez as classes menos favorecidas socioeconomicamente, as classes D e E e parte da classe C são as camadas sociais que encabeçam o quadro de repetência e exclusão escolar. Como em artigo publicado na revista Pátio agosto/outubro de 2006, vários jovens dessas classes estudam um pouco, abandonam a escola e depois retornam. Vale salientar que isso acontece diversas vezes, até que eles desistem de vez, porque passa a existir uma distância muito grande entre a série que deveriam estar e as que de fato estão cursando.

Na opinião de Gilson Scwatz, uma opção para aqueles que acabam tendo de abandonar a escola que não conseguem concilia-la com o trabalho seriam bolsas de estudo, como as do Prouni. Cita o autor: “tem muita gente talentoso em pólos de miséria que, mesmo estudando, não chega lá simplesmente por falta de políticas públicas nesse sentido”. (Revista Pátio Outubro de 2006).

2.2 A Reprovação escolar e a Exclusão

Há uma concepção á respeito dos males que a reprovação pode trazer ao aluno, existe uma contradição entre a educação como construção humana e a reprovação como método, ou como recurso pedagógico.

A reprovação é vista como uma opção conservadora e autoritária, que seve de punição a os alunos pela má educação de que são vítimas. É desonesto diplomar quem não recebeu uma formação essencial, o que prejudica o jovem e engana a sociedade, que paga por serviço não realizado. É perverso punir com repetência alunos mal preparados para prescrever no ano seguinte o mesmo tratamento ineficaz do ano anterior. Um projeto educativo adequado ao meio social em que a escola atua e a sua condição de trabalho poderá diminuir significativamente o índice de reprovação, considerando que a avaliação é a chave do aprendizado bem como que ela é essencial não para “definir quem passa”, mas para adequar o ensino, sabendo que todos podem aprender mesmo as crianças com condições sociais difíceis ou com limitações pessoais severas. Crianças que não respondem a um processo educativo devem receber outro, nunca a repetição do mesmo (Revista Nova Escola, 2007).

Se as avaliações apontam que desempenhos insuficientes não são exceção, esse diagnóstico reprova a escola e não os alunos. Há escolas reprovando em massa por displicência ou “por Decreto”, o regime de promoção deve ser discutido pela comunidade escolar, quando for colocado no Projeto Político Pedagógico da escola e frequentemente nas reuniões do cotidiano escolar, tendo em vista corrigir as falhas e apontar propostas mais adequadas às circunstâncias. Se faz necessário um acompanhamento constante da aprendizagem, garantindo freqüentes adequações do ensino para que a promoção sempre corresponda a o aprendizado; evitando assim, o uso coercitivo da reprovação pelo emprego de reforços positivos e por atenção especial a os mal avaliados. Esconder as deficiências do ensino, implica defender a exclusão por repetência.

A reprovação escolar tende a estar ligada a capacidade geral de aprender que a criança demonstrar ter durante todo o período, há uma soma de dificuldades que foram se acumulando impediram que a criança cumprisse com as exigências mínimas requeridas para ingressar na série seguinte. A reprovação geralmente não acontece por fato isolado, quando uma criança fica reprovada na 3ª série por exemplo, examinando o seu histórico constata-se que ela

apresentou dificuldades desde o processo de alfabetização e que estas foram aumentando gradativamente e chegou a um ponto em que era penoso para o aluno prosseguir, pois não tinha condições de continuar e a criança começa se mostrar desinteressada pelas aulas, não se sente bem no meio de colegas mais jovens, começa a se comparar com as demais e sua auto-estima vai sendo afetado, ela se sente inferior às outras crianças, menos capaz, menos inteligente e isto resulta no abandono escolar.

2.3. A Resistência á Aprovação

Estudos de dados coletados a respeito da reprovação escolar mostram que há diversos fatores internos e externos ao ambiente escolar, que alimentam a resistência á aprovação escolar. Numa classificação preliminar que busque dar conta de forma mais ou menos abrangente da multiplicidade de fatores que influenciam a postura contrária á aprovação automática na escola, pode-se falar em quatro ordens de determinantes: Socioculturais, Psicobiográficos, institucionais e Didáticos-Pedagógicos..

Os determinantes socioculturais dizem respeito a os valores, crenças e costumes que impregnam as ações, hábitos e concepções das pessoas envolvidas no processo de ensino. O condicionante sociocultural tem haver com todo tipo de influência no modo de agir e comporta-se do individuo resultante de sua interação cultural com a sociedade em que vive. Isto supõe que, na produção social de sua existência, cada individuo constrói sua personalidade, assimilando os significados culturais disponíveis no meio social em que se desenvolve.

No ensino brasileiro, a manifestação desse componente cultural de competitividade mostra-se com toda sua força na valorização do "credencialismo" acima dos próprios objetivos educativos da escola. É muito marcante, na população de modo geral, a importância conferida ás notas escolares, aos diplomas e ás promoções de série ou de grau. Do diálogo-padrão de pai ou mãe com seus filhos estudantes á respeito de seu desempenho escolar, pode-se facilmente depreender que as crianças e jovens vão á escola não para aprender, mas para passar de ano, já que a preocupação do adulto é quase sempre com a nota e com a promoção e não com o aprendizado e com a formação da personalidade por meio da educação. A negação da subjetividade, a competitividade, o horror ao fracasso e o desenvolvimento do auto-conceito negativo assimilados durante a socialização primária, relacionam-se, de uma forma

ou de outra, com a resistência á promoção de estudantes, mas também se conjugam para constituir um componente cultural-síntese que é a própria reprovação escolar, que acaba firmando-se como um valor legítimo no imaginário social, considerada como parte constitutiva e inseparável do processo educativo.

Os determinantes psicobiográficos e a personalidade do educador consideram-se a personalidade mesma do individuo sobre a qual agiram, os significados sócio-culturais e demais fatos da história de vida da pessoa. É no contexto de cada singular biografia pessoal e tendo como fundamento as características e potencialidades biológicas e psíquicas de cada um, que agem sempre em inter-relação com os demais condicionantes da própria vida privada no individuo.

Quando se atenta para o caráter reiteradamente autoritário e punitivo da escola freqüentada pelos atuais professores, não é difícil imaginar as marcas impressas em suas personalidades que tiveram influência em suas atuais condutas docentes. Um dos mais importantes aspectos a serem considerados consiste precisamente na reprovação como recurso didático que, por seu uso constante no decorrer dos tempos, acaba legitimando-se como prática didática inquestionável. Os próprios professores, quando levados a refletir sobre sua prática, reportam-se a esse tipo de conduta. Mariana, professora da primeira série da Escola Souza Porto - SP, justifica o apego á retenção, resistindo á aprovação:

Eu acho que (...) é devido á formação mesmo, porque, como o professor passou por esse processo, também ás vezes o deixa incomodado: “Por que que eu, que como aluno, faço tanto, tanto, tanto, e agora eu como educador tenho que aprovar o aluno que não se dedica tanto?”.

A formação acadêmica deficiente que obteve enquanto se preparava para ser um profissional da educação fica impregnada na sua personalidade e vai sendo reproduzida na sua prática pedagógica, como componente “normal” inerente á organização do ensino, não se considera a dinâmica atual do cotidiano escola e social. Nota-se, entre educadores escolares de um modo geral, a falta de uma consciência de que o fracasso escolar não se deve a este ou aquele agente isolado, mas a um vasto conjunto de determinações tanto internas quanto externas á escola, dependentes de políticas sociais mais amplas. Falta a os educadores escolares a concepção progressista de educação como atualização histórico-cultural de

cidadãos que suponha uma didática em que o educador seja o real autor e construtor do seu aprendizado, com o qual seria incompatível qualquer atitude punitiva ou redutora de sua condição de sujeito histórico.

Os Determinantes Institucionais do Apego á Reprovação, refere-se ás condições materiais e estruturais da escola que condicionam a forma e as possibilidades de exercício da ação educativa que aí se realiza. Isto significa que a maior ou menor propensão para a resistência á aprovação é sensível á forma mais ou menos adequada das condições de trabalho na escola e ao modo como esta se encontra organizada. Os fatores institucionais atuam na indução dos educadores a resistirem á promoção de alunos: a pressão das condições materiais escolares adversas á realização um ensino de qualidade; a prevalência da reprovação como estruturante do ensino; e a ausência de medidas do sistema de ensino tendentes a facilitar a aceitação da aprovação. Essas diversidades levam ao fracasso e não reconhecimento delas pelo Estado que para encobri-las, costuma pôr nos educadores a culpa pelo insucesso do ensino. Somente uma abordagem global da vida escolar poderá dar conta dos determinantes do fracasso escolar e propor alternativas para sua superação.

As implicações didático-pedagógicas do apego á reprovação de estudantes no ensino fundamental estão associados essencialmente á forma que assume a atividade educativa na escola e, mais especificamente, á opção de incluir ou não a reprovação na estratégia de ensino. Examinar os aspectos didático-pedagógicos de pego á reprovação envolve, portanto a consideração de todos os demais condicionantes da ação educativa escolar.

CAPITULO III

ANALISE DE DADOS

A referida pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Profª. Josefa Justino Gomes na cidade de Serra Grande, localizada na Avenida Prefeito Ivo Pinto Ramalho S/N B - Bela Vista, Cep: 58955-000. O Universo da pesquisa concentrou-se nos alunos, contemplando a 4ª série do ensino fundamental I, como também incluiu os professores e diretores. Os instrumentos de coleta de dados foram: observação, revista, textos, questionários, entrevistas, documentários, consultas á internet, LDB 9394/96, PCNs, e outras fontes secundárias.

3.1 Estudo de Caso: A exclusão escolar em Serra Grande.

A exclusão escolar já foi muito debatida nesta pesquisa. Por isso, optou-se para esta última parte fazer um estudo de caso para avaliar como está o processo de exclusão escolar na E.E.E.F.M. Prof. Josefa Justino Gomes, localizada na Avenida Ivo Pinto Ramalho S/N, na cidade de Serra Grande-PB.

Os fatores de exclusão escolar são muitos e diversos como já foi muito explicitado em outros momentos da pesquisa. A cidade de Serra Grande, assim como a realidade de todo o conjunto do Brasil, apresenta os mesmos pontos de referência para explicar a questão da exclusão escolar. São vários e diversos os quais, muitas vezes, durante a pesquisa foram colocados na visão de muitos teóricos e pensadores da área de educação. Daí ser dispensável não mais fazer menção a tais fatores.

Verificou-se nos últimos cinco (05) anos que a média anual de exclusão escolar é de aproximadamente 19 % .Na escola em questão; Quanto às séries que mais apresentam exclusão escolar estão os alunos do ensino fundamental I e II. Essa colocação é proporcional já que, no ano de 2003 as séries de 1ª a 4ª não funcionaram. No ensino médio obviamente a exclusão foi bem menor do que nas demais turmas.

3.1.1 Quadro de abandono escolar da E.E.E.E.M. Profª Josefa Justino Gomes

ANO 2002

Séries/Mat. Inicial/total	Total de abandono	Percentual/abandono
1ª a 4ª série 59	22	37,2%
5ª a 8ª série 196	21	10,71%
Ens. Médio 149	44	29,53%
Total geral 404	87	21,53

ANO 2003

Séries/Mat. Inicial/total	Total de abandono	Percentual/abandono
1ª a 4ª série não funcionou	_____	_____
5ª a 8ª série 184	12	6,52%
Ensino médio 153	42	27,45%
Total geral 337	54	16,02%

ANO 2004

Séries/Mat. inicial/total	Total de abandono	Percentual/abandono
1ª a 4ª série 109	21	19,26%
5ª a 8ª série 166	24	14,45%
Ens. Médio 170	53	31,17
Total geral 445	98	22,02

ANO 2005

Séries/Mat. inicial/total	Total de abandono	Percentual/abandono
1ª a 4ª série 142	24	16,90%
5ª a 8ª série 146	16	10,96%
Ens. Médio 174	45	25,86%
Total geral 462	85	18,40%

ANO 2006

Séries/Mat.inicial/total	Total de abandono	Percentual/abandono
1ª a 4ª série 93	10	10,75%
5ª a 8ª série 124	22	17,74%
Ens. Médio 221	37	16,74%
Total geral 438	69	15,75

Esses dados revelam que a exclusão na escola supracitada, apresenta uns índices considerados elevados para uma cidade que não apresenta uma população grande (3.018) habitantes e, por isso, considera-se uma proposta de melhoria dentro dessa instituição. No entanto, cabem também, aos alunos, os pais, o poder público e toda a comunidade fazer sua parte, não esperando que a questão seja responsabilidade apenas da escola.

3.2 Caracterização da Escola

A E.E.E.F.M. Professora Josefa Justino Gomes, situada na cidade de Serra Grande-PB, funciona em três turnos: manhã, tarde e noite; oferecendo três modalidades de ensino: Fundamental I e II e o Ensino Médio; dispõe de uma clientela de 300 alunos na faixa etária de 06 á 25 anos. O corpo docente é composto de 16 professores, do qual 50% com licenciatura em pedagogia e o restante com habilitação em área específica, o núcleo de gestão é constituído por uma secretária e uma auxiliar de secretaria. Os serviços oferecidos pela escola são: Sala de vídeo, biblioteca (espaço físico inadequado), almoxarifado e laboratório de informática. Dispõe ainda de um Conselho Escolar e de Representantes de Classe que trabalham em conjunto com a Direção da Escola. O prédio onde funciona a referida escola se encontra em bom estado de conservação, tem 05 salas de aula, 01 sala de leitura, 02 sanitários para alunos e 01 para professores. 01 secretaria, 01 cozinha e 01 depósito para armazenar a merenda. O grupo de apoio é constituído de 02 merendeiras, 03 auxiliares de serviço e 02 porteiros.

3.3 Análise dos Questionários de Alunos

Os questionários foram elaborados com objetivo de analisar a visão que os alunos têm a respeito da exclusão escolar; Por se tratar de alunos da 4ª Séries do ensino fundamental, as questões estavam de acordo com o grau de conhecimento da realidade das crianças.

O roteiro de entrevista composto de 9(nove) questões foi aplicado numa turma de 4ª série formada de 18 alunos, sendo metade do sexo masculino e metade do sexo feminino na faixa etária entre 09 á 12 anos. A primeira pergunta feita foi se o aluno já repetiu o ano, com base na resposta constata-se que quase metade da turma já repetiu de ano. Para Ilze (coordenadora pedagógica não interessa só dados estatísticos (...)) Eu trabalho com dados concretos. Então não me interessa que eles mandam uma planilha pra escola dizendo assim: “olha, tua escola reteve tanto” Bom sim. Agora sim, isso aqui é um dado frio. Cadê a avaliação qualitativa disso? Aprovar alunos apenas para estatística não é legal, o que de fato importa é o que o aluno aprende. Aprovar alunos para atender uma orientação dos sistemas de ensino sem que o aluno tenha adquirido os conhecimentos da série em questão, não implica num bom trabalho coisa que já está acontecendo. Infelizmente o problema da repetência escolar parece que é muito mais séria para os pais do que para as crianças em si; a primeira reação dos pais é tirar o filho da escola. No entanto bem conduzida, a criança encara com naturalidade o fato de repetir o ano.

A segunda pergunta e sobre o que o aluno mais gosta na escola, muitos responderam que gostam de estudar e outros da merenda; Por se tratar de alunos carentes, a merenda escolar é um diferencial que contribui para a freqüência dos alunos. Considerando as demais perguntas e respostas a cerca da exclusão, observa-se que as crianças vê a escola como um lugar de muita importância para suas vidas e, a educação como mecanismo indispensável na formação pessoal e profissional do individuo.

Segundo o roteiro de entrevista a os discentes, observa-se o desejo de melhorar o desempenho das aulas, diversificando as atividades, introduzindo iniciativas inovadoras tais como esporte, cultura, aulas dialogadas tendo em vista melhorar o comportamento e a disciplina dos discentes. A família apresenta uma participação ainda limitada na vida escolar de seus filhos, uma vez que, apenas conversa de forma sutil sobre a educação, como por exemplo: cobrar que façam as tarefas.

A forma de avaliação mais utilizada na verificação da aprendizagem é a prova tradicional; já que os conteúdos continuam sendo passados no estilo da educação “bancária”. Segundo Paulo Freire (1975), o aluno é tratado como uma conta corrente onde se “depositam” conhecimentos a o modo de um banco comercial onde o educando aceita tudo passivamente,

sem autoria, sem criticidade e, para ser bem sucedido, basta que devolva tudo que lhe foi depositado através de exames e provas.

Podemos concluir que a exclusão escolar é uma questão complexa que como já foi dito anteriormente se verifica em função de diversos fatores e requer atenção de todos os que fazem parte da educação, numa perspectiva de mudanças em que o processo de inclusão social seja uma prática efetiva. Para tanto é importante diagnosticar, detectar os problemas e buscar as possíveis soluções, com intuito de proporcionar o retorno efetivo do aluno á escola.

3.4 Analise dos Questionários de Diretores e Professores

O questionário aplicado a os professores e diretores é composto de 6(seis) questões pelas quais se tenta obter informações desejadas a cerca da exclusão escolar, através das respostas ás perguntas foi possível identificar e idéia que os professores do ensino fundamental têm a respeito do assunto em questão.

Foram entrevistados dois diretores e três professores do ensino fundamental; a primeira pergunta é o que eles entendem por exclusão escolar, as respostas apresentam basicamente os mesmos significados, percebe-se que todos têm um bom nível de entendimento a cerca do assunto, quando afirma que a exclusão é um problema complexo que requer a atenção e participação de todos no sentido de amenizar o problema na escola. Diante da questão é consenso que a escola tem a sua parcela de responsabilidade neste processo. Para Cordié (1996,p10), o fracasso escolar é uma questão complexa cuja causas são múltiplas e diversas: Umas estão ligadas á própria estrutura do sujeito, outros dependem de acontecimentos. O fato de elas intrincarem e agirem uma sobre as outras não ajuda em nada a compreensão do fenômeno. O resultado disso é que cada um projeta seus fantasmas e inventa remédios para esse novo flagelo social: É culpa... do governo, da sociedade, da educação nacional, dos pais..., “é preciso apenas... rever a pedagogia, aumentar as verbas”.ctc. Percebe-se que existe uma amplitude maior da questão do que aquela aparentemente mostrada pelos sujeitos envolvidos. A exclusão escolar está relacionada á dinâmica econômica e social do país como também a estrutura familiar dos alunos.

A segunda questão é sobre a atuação da escola no processo de exclusão escolar, a resposta aponta para uma visão de conjunto em que a escola demonstra uma preocupação em

relação a esta problemática; visto que a escola é um espaço onde não privilegia a maioria ao contrário diferencia e discrimina aqueles que não se sujeitam a sua estrutura de funcionamento. Alguns afirmaram que a escola não tem atendido a os interesses dos alunos que chegam até ela. Com relação às diferenças sociais refletidas no espaço escolar, verifica-se um conflito entre o contexto cultural da família e o contexto cultural da escola; sobre este aspecto, Nicolaci-da-Costa (1987 p.50) afirma: A criança, ao ingressar na escola, depara, tal como o estranho, com todo um conjunto de valores, comportamentos e atitudes de um grupo social diferente do seu. É uma situação difícil de enfrentar: durante parte do dia (no horário escolar) tenta-se fazer da criança um membro da cultura X (a da escola), enquanto que durante o resto do tempo ela é membro integrante da cultura Y (a de seus pais, irmãos, parentes, vizinhos e amigos). É uma situação de conflito, uma situação que tem o potencial de gerar insegurança, de criar uma sensação de perda de referenciais. Mediante conflito a criança não consegue discernir qual a visão correta, a do mundo da escola que não tem relação com o seu mundo ou a que vivencia no lar; pois o processo de adaptação é difícil e penoso para que a criança entre em contato com o mundo cultural da escola.

A terceira questão é sobre o que leva os alunos a abandonarem a escola, consideram diversos fatores internos e externos inclusive o papel da família junto à escola que deixa muito a desejar, com uma participação limitada mais no sentido de fazer cobranças da instituição. A organização da escola segundo os profissionais entrevistados, influencia diretamente no processo de exclusão, uma vez que diante da desorganização do espaço escolar, as crianças se inserem na lógica da desorganização tornando-se apáticas ou agitadas desconhecendo ou não reconhecendo o espaço da escola como um lugar de troca de aprendizado. A falta de organização escolar leva a insatisfação, a desconfiança e a incerteza que os conduz à repetência, o que gera um sentimento de culpa e responsabilidade por seu fracasso escolar.

Frente a o novo cenário da inclusão social, a escola desempenha um papel muito além da transmissão de conteúdos de forma sistemática e organizada. Com uma missão de formar cidadãos conscientes para o exercício da cidadania a escola deve atuar em conjunto com a família, a comunidade e, outras instituições especializadas, numa perspectiva de mudanças significativas que possam amenizar as causas que levam a exclusão escolar. A escola passe a ser vista como um espaço prazeroso, um ambiente saudável, onde as crianças se identifiquem com a realidade cultural correspondendo assim as suas expectativas em relação à escola.

3.5 Análise do Estágio

O estágio ocorreu no período entre os dias 01 á 31/10 na E.E.E.F.M. PROF^a. Josefa Justino Gomes, localizada na cidade de Serra Grande-PB, em uma turma de 23 alunos do 5º ano inicial do ensino fundamental no horário das 7:00h ás 11:00h. A estrutura física do prédio se encontra de forma inadequada, falta espaço para biblioteca, laboratórios, Diretoria, refeitório e, um local apropriado para as atividades coletivas e reuniões com os pais e mestres.

A Escola não dispõe de um grupo de apoio técnico pedagógico, e a maioria do corpo docente não está habilitada para lecionar as disciplinas por área de estudo. A metodologia aplicada é uma mistura do tradicional com a pedagogia moderna. A relação dos alunos com os professores é de amizade e respeito. No tocante aos recursos materiais, a escola dispõe de diversos tipos de materiais pedagógicos, tecnológicos e didáticos.

Na primeira semana do estágio, iniciamos as aulas todos os dias com a leitura de um texto reflexivo, associado a uma dinâmica de grupo buscando a integração da turma. Em seguida trabalhamos a leitura e interpretação de um texto do livro didático no primeiro horário, no segundo trabalhamos atividade de matemática sobre o espaço e forma, utilizamos sólidos geométricos para facilitar a compreensão, durante a semana, problemas envolvendo as quatro operações e o sistema monetário foi trabalhado todos os dias a fim de melhorar o desempenho dos alunos na disciplina.

Na segunda semana, trabalhamos de forma interdisciplinar, demos continuidade à leitura e interpretação de texto do livro didático de português, envolvendo conteúdos de ciência sobre a alimentação, o corpo humano, utilizamos a maquete de um torso humano e gravuras; como também conteúdos de educação física como a importância da atividade física para a saúde.

Na terceira semana trabalhamos na disciplina de Língua portuguesa par lenda, com a utilização de fantoches, e conteúdos de geografia como a localização do Brasil, uso do planisfério e o globo terrestre para que as aulas se tornassem mais interessantes. E em História a influência dos africanos na cultura brasileira com a utilização de revistas e informativos sobre o assunto, bem como a história do nosso município. E em matemática, trabalhamos as quatro operações com uso de material de sucata.

Na última semana trabalhamos produção de textos envolvendo assuntos diversos como: recursos do meio ambiente, culturas brasileiras, Desenho livre, receitas e etc. Em matemática trabalhamos área: a medida de uma superfície; usamos régua e trena associada a o estudo do espaço geográfico local.

De acordo com os depoimentos de professores são diversas as causas da exclusão escolar: o desinteresse dos alunos, a indisciplina, porém a falta de acompanhamento e compromisso dos pais com a vida escolar dos filhos é a maior queixa. A maioria dos pais não comparece as reuniões realizadas pela escola, bem como não procura saber do desempenho do filho na escola nem auxilia nas tarefas extra classe. Esta falta de apoio reflete-se no baixo rendimento escolar e conseqüentemente na reprovação e exclusão escolar.

Já os alunos apontam como causa principal a falta de atrativo da escola; segundo alguns depoimentos a escola deveria prover meios de incentivar os alunos a estudar mais e permanecerem na escola. Indagado sobre a questão um aluno respondeu que gostaria que a escola realizasse palestras, gincanas, campeonatos e etc., ou seja, dinamizassem as aulas para que estas se tornem mais interessantes.

No ponto de vista dos gestores, a exclusão se apresenta como um dos maiores males da escola e que as causas são diversas, tanto diz respeito às condições de vida dos alunos, de suas famílias e de seu contexto social, cultural e econômico; como também se refere à própria escola: projeto político pedagógico, insumos, instalações, estrutura institucional, clima escolar e relações subjetivas no cotidiano escolar. Ressaltou ainda que a falta de consciência sobre a importância da educação na vida pessoal e profissional das pessoas é um ponto crucial que precisa ser mais bem trabalhado pela escola e a sociedade para que as pessoas percebam que a educação promove mudanças significativas tais como: melhoria na qualidade de vida das pessoas, no convívio social, enfim a situação econômica e em geral.

O estágio de forma geral, apesar do período curto em contato com a realidade educacional, contribuiu de forma significativa ao nosso processo de formação docente, somando experiências e saberes essenciais à prática docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando a dinâmica escolar, pode constatar que a exclusão escolar é resultado de um conjunto de variáveis que requer uma análise mais aprofundada para uma melhor compreensão a cerca do problema. Pois neste trabalho foram apontados apenas alguns dos elementos centrais que modificados de forma acertada, podem fazer a diferença elevando os padrões de aprendizado, diminuindo a exclusão escolar e conseqüentemente as desigualdades sociais.

Neste aspecto espera-se que alguns fatores encontrados no âmbito de influência da escola e sobre os quais é possível exercer algum tipo de controle possam aumentar a eficácia do papel da educação. Pois aquilo que se refere á escola situa-se dentro das possibilidades de intervenção dos gestores de políticas públicas educacionais, nesse sentido a escola passa á ser uma instituição fundamental para promover a equidade, bem como proporcionar o desenvolvimento dos saberes básicos, contribuindo para a inclusão social e econômica do cidadão, independente da sua origem social. Já os fatores extra-escolares, dependem de macropolíticas que interfiram nas condições das famílias e no combate á exclusão social.

Esperamos que este trabalho conduza transformações nas escolas proporcionando novos horizontes impulsionando mudanças no sentido de erradicar a exclusão escolar principalmente na Escola em questão que apresenta um alto índice de exclusão escolar onde os jovens e crianças da população mais carente são as principais vítimas que mais apresentam o percurso escolar com interrupções e os que são mais excluídos da escola.

REFERÊNCIAS

BRASIL MEC. **O Perfil da Escola Brasileira: Um estudo a partir dos dados do SAEB 97.** Brasília. O Instituto. 1999.

_____. Projeto Nordeste. **Chamada à ação: Combatendo o fracasso Escolar.** Programa de pesquisa e relacionamento de políticas educacionais. Brasília: Projeto Nordeste, Banco Mundial, UNICEF. 1997.

_____. **Programa ética e Cidadania: Construindo valores na escola e na sociedade.** Protagonismo juvenil Módulo-4 Inclusão social.

<http://www.federativo.bndes.gov.br>. **Combatendo a Exclusão Escolar**, Acesso em 26/04/2007, às 15h.

Revista Nova Escola, ano XXI, Nº. 196. Outubro de 2006. P.40__42.editora. Moderna

<http://www.scielo.br>. **Caderno de pesquisa – A escola e a exclusão.** Acesso em 26/04/2007, às 15h.

BRASIL, MEC PCN's — 2001 ,P. 30-31 .

BRASIL, LDB – 9394/96.

Revista Pátio, Agosto/Outubro/2006 nº39, P.24__28,

GOMES, Maria de Fátima Cardoso in **Dificuldades de aprendizagem na alfabetização/** Organizado por Maria das Graças de Castro Sena. 2 ed. 2 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004. ISBN 85-86583-63-4.

SISTO, Fermino Fernandes, BORUCHOVITCH, Evely , FINI, Lúcia Diehl Tolaine Dados internacionais de Catalogação na publicação in **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicológico.** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. ISSN 85.326.2620-3.

SISTO, Fermino Fernandes, BORUCHOVITCH, Evely , FINI, Lúcia Diehl Tolaine Dados internacionais de Catalogação na publicação in **Os aspectos afetivos das dificuldades de aprendizagem.**– Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.p. 99. ISSN 85.326.2620-3

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

NOME DO DIRETOR(A): _____

QUE TEMPO OCUPA O CARGO: _____

ESCOLA QUE TRABALHA: _____

ENDEREÇO: _____

QUESTIONÁRIO AOS DIRETORES

1. O que você entende por exclusão escolar?
2. Como você vê a atuação da escola no processo de exclusão escolar?
3. O que leva os alunos a abandonarem a escola?
4. Como a organização da escola influencia na exclusão escolar?
5. A que você atribui às taxas de repetência?
6. Que sugestões você apresentaria para diminuir os índices de exclusão escolar?

ROTEIRO DE ENTREVISTA

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

NOME DO PROFESSOR: _____

TEMPO QUE EXERCE A
PROFISSÃO _____

ESCOLA QUE TRABALHA: _____

ENDEREÇO: _____

QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES

1. O que você entende por exclusão escolar?
2. Como você vê a atuação da escola no processo de exclusão escolar?
3. O que leva os alunos a abandonarem a escola?
4. Como a organização da escola influencia na exclusão escolar?
5. A que você atribui as taxas de repetência?
6. Que sugestões você apresentaria para diminuir os índices de exclusão escolar?

ROTEIRO DE ENTREVISTA

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

DISCENTE: _____ SÉRIE _____

SEXO: MASC. () FEM. ()

ESCOLA EM QUE ESTUDA: _____

ENDEREÇO: _____

QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

1. Você já repetiu o ano? Sim () Não ()

1.1. Quantas vezes? 1 () 2 () 3 () mais ()

2. O que você mais gosta na escola? _____

3. O que a professora deve fazer para evitar que os alunos desistam de estudar? _____

4. Como melhorar as aulas? Praticar aulas de campo () uso da TV/Vídeos ()
Outros: _____

5. Sua família te incentiva a estudar? Sim () Não ()

5.1. Como? Conversa () participação na escola () Ajuda na realização das tarefas ()
Outros: _____

6. Que profissão você deseja exercer futuramente? _____

7. Você sugere alguma mudança na organização e funcionamento da escola?
Qual? _____

8. Como você vê o ambiente escolar?

Ruim () Bom () Ótimo () Indiferente ()

9. Como é feita a avaliação dos conteúdos aplicados?

Prova () Trabalho () Outros: _____